

INGLÊS: UM LUXO DESNECESSÁRIO?

A percepção da importância do estudo de uma segunda língua em alunos de classes sociais distintas

S. M. Reikdal; A. K. O. Meneses; F. G. P. da Silva; J. C. Hora; M. P. Coelho

Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil

(Recebido em 10 de julho de 2008; aceito em 14 de agosto de 2008)

A importância do estudo de uma segunda língua, o inglês em particular, foi avaliado em estudantes de estratos social distintos, com intuito de averiguar se a percepção da importância do aprendizado de uma segunda língua varia de acordo com a condição social do jovem.

Palavras-chave: Segunda língua; inglês; aprendizado; escola; condição social; Pierre Bourdieu

The importance of second language studies, english in specific, was evaluated in students of different social classes. The intention was to verify if the perception of second language's importance varies in accordance to social conditions.

Keywords: second language; English; learn; school; social condition; Pierre Bourdieu

1. INTRODUÇÃO

A linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive (Entre Livros, 2005).

A linguagem é a representação do pensamento por meio de sinais que permitem a comunicação e a interação entre as pessoas. Além de transmitir nossas idéias, a linguagem transmite também um conjunto de informações sobre nós mesmos. Certas palavras e construções que empregamos, acabam “denunciando” quem somos socialmente, como por exemplo, em que região do país nascemos, qual o nosso nível social e escolar, nossa formação e às vezes até nossos valores.

A língua é um poderoso instrumento de ação social. Ela pode tanto facilitar como dificultar o nosso relacionamento com as pessoas e com a sociedade em geral.

As pessoas estudam a linguagem há mais de dois milênios, mas foi no Renascimento que as línguas começaram a ser sistematicamente comparadas e pouco a pouco, foram surgindo hipóteses sobre o desenvolvimento lingüístico da humanidade.

Com o mundo cada vez mais globalizado, as fronteiras têm sido cada vez menores, portanto há a necessidade de se conhecer outras línguas e outras culturas, para poder-se interagir com outros povos que já não estão tão distantes. O domínio da língua inglesa em particular é de grande importância, pois o inglês se tornou hoje uma língua global, como resultado de dois fatores principais: a extensão do poder colonial britânico, que teve seu ápice no final do século XIX, e a hegemonia dos Estados Unidos como poder econômico no século XX. Para se impor como língua global, um idioma deve adquirir um papel especial reconhecido no mundo todo. O inglês tem estatuto de língua oficial em mais de 70 países. O inglês é também o idioma mais ensinado como língua estrangeira ao redor do mundo e a principal língua da comunicação em vários domínios, como por exemplo, na aviação, no intercâmbio científico e nas novas tecnologias.

O inglês se tornou um recurso a ser utilizado cultural e comercialmente por muitos grupos diversos, para além das diferenças nacionais. O ensino de línguas estrangeiras é uma área com identidade própria que contribui significativamente para educação do indivíduo. Há quem prefira falar de educação em língua estrangeira, educação em segunda língua, para lembrar que essa é uma dimensão acima de tudo, educacional.

È possível que a percepção da importância do aprendizado de uma segunda língua varie de acordo com a condição social do jovem. Um jovem de classe alta tem mais acesso a recursos

sociais, tecnológicos, a oportunidades de contatos com diferentes povos e culturas, ou seja, a maioria desses jovens traz consigo uma herança cultural de seus pais, diferente dos jovens de classe sociais desfavorecidos, desprovidos de tais recursos. Sendo assim, a aquisição de uma segunda língua é um capital cultural a mais.

As transformações tecnológicas e sociais fazem emergir novas demandas de formação, demandas que invariavelmente, só poderão ser atendidas se as pessoas possuírem uma base educativa ampla para conseguirem adaptar-se à globalização, às dificuldades de acesso ao mercado de trabalho.

A disciplina língua estrangeira moderna na escola é um grande desafio. Conforme os PCN's Língua Estrangeira, 2002: "(...) o ensino de língua estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, freqüentemente, essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo... tem status de simples atividade, sem caráter de promoção ou reprovação." Além dessa situação um tanto marginalizada dentro do currículo, a disciplina enfrenta alguns outros desafios, principalmente em instituições públicas de ensino fundamental e médio: carga horária reduzida, falta de livros didáticos, indisponibilidade de impressoras e de máquinas de xérox, recorrendo-se então ao lendário uso de mimeógrafo (difícilmente as cópias apresentam boa qualidade), salas de aula lotadas, sem espaço para a prática de todas as habilidades lingüísticas: ler, escrever, ouvir e falar. Para completar o quadro, tem-se ainda o fato da má formação dos professores de língua estrangeira moderna, o que agrava ainda mais a situação da disciplina no país.

A opinião pública precisa ser devidamente esclarecida quanto aos benefícios de uma educação plurilíngüe, pluricultural das crianças e dos jovens, para um futuro com maiores possibilidades de abertura para o mundo. A escola tem o papel de adaptar todos os jovens, independentemente da classe social às novas exigências do mercado e da própria vida. O aluno tem direito a uma escolarização e a um conhecimento cultural abrangente.

Esse trabalho visa investigar se o aprendizado de uma segunda língua tem a mesma importância para alunos de estratos sociais distintos. Em função do problema proposto acima, estabelecemos os objetivos os quais procuramos respostas; Investigar a importância do aprendizado de uma segunda língua na visão de estudantes de categorias sociais distintas; Fazer um perfil social de alunos em dois tipos de escola: pública e particular; Fazer um levantamento das representações dos alunos investigados, acerca do aprendizado da segunda língua; Comparar as representações dos alunos das diferentes escolas; Estabelecer algumas relações entre as representações dos alunos e alguns dados sócio-culturais dos mesmos; Averiguar a proposta das escolas no que diz respeito ao ensino da segunda língua.

A teoria que nos serviu de base é a teoria de reprodução social de Pierre Bourdieu.

Bourdieu teve a capacidade de desmistificar o papel da escolarização na sociedade. Não é suficiente ficar na aparência da análise, é preciso ir à gênese dos fenômenos. Bourdieu conseguiu essa façanha embora tenha recebido muita crítica.

Bourdieu afirma que a linguagem é social e os primeiros ambientes dessa sociedade a nos inserir no processo de aquisição da linguagem são a família e a escola. As famílias têm a tendência de perpetuar seu ser social, seja ele qual for. Assim sendo, quanto mais capital cultural uma família tiver, maior será o investimento na educação escolar. Para Bourdieu a idéia de capital cultural esta intimamente ligada ao capital econômico. Em outras palavras, quanto mais dinheiro e instrução uma família possuir, maior será o investimento no que tange à educação para seus filhos.

Para os problemas das desigualdades escolares, Bourdieu formulou a hipótese da escola pública e gratuita como forma de resolver o problema do acesso à educação. Garantindo, assim, a igualdade de oportunidade entre todos os cidadãos. Contrapondo-se com o que ocorria nessa época (anos 60), que era uma crise profunda do sistema de ensino na sociedade.

Dois movimentos principais parecem estar associados a essa transformação do olhar sobre a educação. Em primeiro lugar, tem-se, a partir do final dos anos 50, a divulgação de uma série de grandes pesquisas quantitativas, que mostraram de forma clara o peso da origem social sobre os destinos escolares. A partir deles tornou-se imperativo reconhecer que o desempenho escolar não dependia, tão simplesmente, dos dons individuais, mas da origem social dos alunos (classe, etnia, sexo, local de moradia, entre outros).

Em segundo, a mudança de pensamento sobre a educação nos anos 60, esta relacionada com a inesperada massificação do ensino. Onde se via igualdade de oportunidade e possibilidade de justiça social, Bourdieu via reprodução e legitimação das desigualdades sociais. Para ele o papel da educação como transformadora e democratizadora da sociedade, se transforma numa instituição a qual legitimam os privilégios sociais.

Quando a criança começa sua aprendizagem formal, é recebida num ambiente marcado pelo caráter de classe da organização pedagógica ao modo como prepara o futuro dos alunos. Para construir sua teoria, Bourdieu criou uma série de conceitos como *habitus* e *capital cultural*. *Habitus* se refere à incorporação de uma determinada estrutura social pelos indivíduos, influenciando em seu modo de sentir, pensar e agir, de tal forma que se inclinam a confirmá-la e reproduzi-la, ainda que nem sempre de modo consciente. Na formação do *habitus*, a produção simbólica - resultado das elaborações em áreas como arte, ciência, religião e moral - constitui o vetor principal porque insere a reprodução das desigualdades de modo indireto e disfarçado.

Assim, estruturas sociais e agentes individuais se alimentam continuamente, numa engrenagem de caráter conservador. É o caso da maneira como cada um lida com a linguagem. Tudo que a envolve - correção gramatical, sotaque, habilidade no uso das palavras - está fortemente relacionada à posição social de quem fala e a função de ratificar a ordem estabelecida. O gosto para arte, o modo de vestir e até o jeito de andar participam desta dinâmica. Para Bourdieu, essas ferramentas de poder são essencialmente arbitrárias, mas isso não costuma ser percebido.

Na educação se acumula, sobretudo, o *capital cultural*, que pode se apresentar de três formas, todas muito influentes nas trocas simbólicas: em estado incorporado (informações e valores aprendidos), objetivado (sob forma de bens, como livros quadros, máquinas e etc.) e institucionalizado (certificados e diplomas).

Isso retoma a tese de Bourdieu que diz que a escola é um espaço de reprodução social e de transferência de *capital* de uma geração para outra. Isso está relacionado ao desempenho dos alunos em sala de aula. Os alunos tendem a ser julgados pela quantidade e pela qualidade do conhecimento que já trazem de casa, assim como por várias heranças, como a postura corporal e a habilidade de falar em público. O que acontece é que só os alunos oriundos das classes superiores da sociedade têm como responder às expectativas do sistema de ensino. A escola costuma considerar essas características como naturais nos alunos das classes mais elevadas, assim como costuma ver nas crianças menos privilegiadas economicamente um desafio. Pior que isso, os próprios estudantes mais pobres acabam encarando trajetória dos bem sucedidos como resultantes de um esforço recompensado, e o insucesso deles como incapacidade pessoal.

Nesse contexto a escola funciona como um julgamento moral e estético, além de exercer uma triagem social. Uma amostra dos mecanismos de reprodução de desigualdades está no fato, facilmente verificável, de que a frustração com o fracasso escolar leva muitos alunos e suas famílias a investirem menos esforços no aprendizado formal, desenhando um círculo que se auto-alimenta. Ao mesmo tempo, quanto mais fácil o acesso a certo grau de ensino, menos ele é valorizado como *capital cultural*. E daí decorre a questão da alfabetização pura ser insuficiente nos tempos atuais. Bourdieu previa a possibilidade de superar essa situação se as escolas deixassem de supor o que os alunos trazem de casa algum *capital*, e partissem do zero, “ensinando” todas as referências e habilidades necessárias para um bom desempenho, o que obviamente é impossível.

Se a educação formal somente reproduz a herança cultural que os alunos trazem de casa, o que acontece com aqueles alunos de classe baixa que trazem pouca ou nenhuma bagagem cultural? A escola ao reproduzir a cultura já existente na bagagem dos estudantes de nível social mais elevado, acaba contribuindo para que os jovens desfavorecidos reduzam ainda mais suas expectativas de crescimento e de mudança de vida.

Será que só pelo fato do estudante ser de classe “pobre”, a aquisição de uma segunda língua torna-se desnecessária para sua vida? Ou este ganho contribuiria para uma mudança nas chances de ingresso no mercado de trabalho e de crescimento intelectual?

É preciso que os jovens desenvolvam conhecimentos independentemente de suas origens. A escola deveria incentivar e ampliar as expectativas de desenvolvimento desses jovens.

Será que a escola poderia desempenhar outro papel que o de reproduzir os estratos sociais? Será que os estudantes têm noção do papel da escola? Qual o papel da escola na sua maneira de ver? Possuir capital cultural a mais, no caso de uma segunda língua, poderia fazer uma significativa diferença, visto que com o mundo cada vez mais globalizado, as chances para conseguir superação diante dos outros depende principalmente dos diferenciais que possuímos. Mas será que tal diferença é percebida por alunos de escola pública? E em sendo, será que eles acham que vão poder usufruir dessa aprendizagem?

2. METODOLOGIA

Nossa investigação recaiu sobre estudantes cursando a 2ª série do ensino médio. A escolha de estudantes do segundo ano do ensino médio se deu pelo fato desses alunos já possuírem condições de avaliar o valor da aprendizagem de uma segunda língua e também de não estarem muito envolvidos com o vestibular.

Decidiu-se realizar essa investigação em escola pública e em escola particular, para comparar se as representações manifestadas pelos estudantes são semelhantes ou diferentes e, se possível, conhecer os motivos. Estamos antecipando a hipótese de que a escola pública é freqüentada por alunos de classe sócio-cultural menos favorecida enquanto que a escola particular é freqüentada por alunos de classe sócio-cultural mais favorecida. Todos sabemos como é complexo trabalhar com representações sociais, e por este motivo vamos precisar rapidamente o modo como o conceito será utilizado nesta pesquisa. Representação social é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento. Nas ciências sociais são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a. (Bourdieu, 1983). Pierre Bourdieu refere-se ao campo das representações sociais através da valorização da fala como expressão das condições de existência. Para Bourdieu a palavra é o símbolo de comunicação por excelência porque ela representa o pensamento.

Com isso estaremos averiguando a importância do aprendizado de uma segunda língua para classes sociais distintas a fim de comparar as representações dos alunos tanto da escola pública quanto da escola particular. Essa pesquisa foi realizada com 109 alunos, sendo 69 da escola pública e 40 da escola particular com objetivo de estabelecer tais relações.

Aplicamos um questionário aos alunos selecionados, o qual nos ajudou a responder às indagações de nossa pesquisa. Entrevistamos coordenadores pedagógicos das duas escolas, com o intuito de avaliar a proposta da escola para o ensino de uma segunda língua. De acordo com a coordenadora da escola pública investigada, a proposta do ensino do inglês naquela instituição seria: “Orientar e apoiar o aluno para desenvolver competência lingüística em inglês e assim ampliar o acesso ao conhecimento técnico-científico de diferentes povos; capacitar o aluno a entender, ler, falar e escrever utilizando a língua inglesa.” Na escola particular investigada a coordenadora nos informou que o ensino do inglês no ensino médio é voltado para o programa do vestibular.

Essa pesquisa não pretende e nem pode ser um levantamento generalizável, pelos limites que lhe são próprios. Contudo, apesar de restringir-se ao estudo de duas turmas em cada uma das escolas, deverá atender os requisitos de rigor e objetividade exigidos para o trabalho que se pretende científico.

As escolas foram selecionadas intencionalmente, como já foi anunciado – uma escola particular na qual se supõe encontrar alunos com nível social mais alto, e outra pública, cujo nível social é mais baixo, como, inclusive, indicam as informações obtidas.

Acreditamos que esta é uma oportunidade de averiguar a tese de Bourdieu acerca do capital cultural, no caso específico verificando a relação entre a importância atribuída ao aprendizado da segunda língua e sua posição social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa pesquisa foi realizada em duas escolas da capital sergipana – uma da rede pública do período noturno e outra da rede particular de ensino do turno matutino.

A opção por realizar a pesquisa em dois tipos de escola teve o objetivo de coletar dados que pudessem ser comparados a cerca da influência do conteúdo cultural oferecido por duas escolas de diferentes redes no tocante ao ensino de uma segunda língua.

Um segundo propósito de nosso trabalho foi comparar as respostas de alunos de diferentes níveis sociais a fim de analisar a tese de Bourdieu. Segundo Bourdieu, como foi tratado na revisão, a reprodução social se dá pela reprodução cultural, isso implica em admitir que estudantes de escolas públicas sejam portadores de bagagem cultural menor que aqueles provenientes das escolas particulares.

Constatamos em primeira instância no tocante à respostas obtidas nos questionários de ambas as escolas apresentam-se semelhantes, mesmo levando-se em consideração as diferenças sócio-econômica-culturais pressupostas. Por outro lado, observou-se uma enorme disparidade no que se refere às idades, ou seja, na escola particular, encontramos alunos mais jovens, enquanto que na escola pública, notamos uma incidência muito grande de alunos fora da idade prevista. Provavelmente por terem abandonado seus estudos durante algum tempo, ou, porque tiveram muitas reprovações.

É muito interessante constatar a semelhança de nossos achados com os dados reportados pela literatura no tocante ao atraso escolar dos estudantes da escola pública. Observamos como mostra a tabela 1, que mais de 92% dos estudantes investigados da escola pública noturna estão além da idade esperada. Por outro lado, as idades na escola particular diurna são as previstas. Ou seja, tendo em vista que a idade regular dos alunos se situa entre 14 e 17 anos, constatamos que na escola particular matutina 100% dos alunos entrevistados estão dentro da média, já na rede pública noturna de ensino há uma variação entre as idades, apenas 7,2% do total de alunos da escola pública noturna que foram entrevistados estão em idade regular.

Analizamos também que há uma grande quantidade de alunos na escola pública com idade acima de 30 anos (perfazendo 18,9% dos casos).

Ao analisar a distribuição etária dos respondentes podemos observar que na escola particular se concentram os estudantes jovens com 100% dos casos até 17 anos enquanto que na escola pública registramos que 59,5% estão com 20 anos ou mais. O que acontece é que só os alunos das classes mais altas da sociedade têm como responder as expectativas do sistema de ensino. Uma mostra dos mecanismos de reprodução de qualidade está no fato de que a frustração com fracasso escolar leva muitos alunos e suas famílias a investirem menos esforços no aprendizado formal.

Tabela 1: Idade x Tipo de escola

IDADE \ TIPO ESCOLA	PÚBLICA NOTURNA	%	PARTICULAR MATUTINA	%
14 ANOS	-	-	2	5%
15 – 17 ANOS	5	7,2%	38	95%
18 – 20 ANOS	23	33,3%	-	
21 – 23 ANOS	12	17,4%	-	
24 – 26 ANOS	11	16%	-	
27 – 29 ANOS	5	7,2%	-	
30 E MAIS	13	18,9%	-	
TOTAL	69	100%	40	100%

Observa-se, a partir da análise da tabela 2, que 93% dos alunos da escola pública noturna, têm pais cuja renda familiar oscila de 1 à 5 salários mínimos. Por outro lado na escola particular, 22,5% dos alunos investigados afirmam que a renda de sua família encontrava-se na faixa de 5 a 10 salários mínimos. Isso nos permite revelar que quanto maior renda e instrução uma família possuir, maior será o investimento na educação. E ainda constatou-se que 42,5% disseram que essa renda era de 10 a 30 salários mínimos. Estes dados mostram claramente o abismo existente entre as rendas das famílias cujos filhos estão nas escolas públicas e particulares. Um lance de olhar sobre a tabela já nos faz ver que a maior renda familiar encontrada na escola pública é a faixa onde começaram as rendas na escola particular.

Tabela 2: Renda familiar x Tipo de escola

RENDA \ TIPO ESCOLA	PÚBLICA NOTURNA	%	PARTICULAR MATUTINA	%
SEM RESPOSTA	1	1,5%		
1 SALÁRIO	21	30,5%		
1 A 2 SALÁRIOS	26	37,6%	1	2,5%
2 A 5 SALÁRIOS	17	24,6%	3	7,5%
5 À 10 SALÁRIOS	4	5,8%	9	22,5%
10 À 30 SALÁRIOS			17	42,5%
30 À 50 SALÁRIOS			4	10%
+ DE 50 SALÁRIOS			1	2,5%
NENHUM			5	12,5%
TOTAL	69	100%	40	100%

Com relação à opinião dos alunos no que tange a importância do estudo de uma segunda língua (tabela 3), percebemos que tanto os alunos da escola pública noturna (95,6%) quanto os da escola particular matutina (95%) consideram importante o estudo de uma segunda língua. Porém, mesmo sabendo dessa importância existe uma dificuldade dos alunos de escola pública de ingressarem em uma escola que possa ajudá-los a aprender uma segunda língua.

Tabela 3: Importância do estudo de uma 2ª língua x Tipo escola

IMPORTÂNCIA \ TIPO ESCOLA	PÚBLICA NOTURNA	%	PARTICULAR MATUTINA	%
SIM	66	95,6%	38	95%
NÃO	3	4,4%	2	5%
TOTAL	69	100%	40	100%

Com a globalização surgiu uma maior necessidade do conhecimento da língua inglesa, visto que é a língua mais falada em todo mundo e que atende às exigências da comunicação no ramo da internet, e a inclusão no mercado de trabalho. Isto se faz notar na análise dos dados da tabela 4, onde 30,3% dos alunos entrevistados consideram que a maior utilidade do inglês na área da comunicação e 24,8% dos alunos entrevistados consideram o inglês como fator importante no acesso ao mercado de trabalho.

Por outro lado, a visão dos alunos de ambas as instituições no que se refere a utilidade do estudo do inglês (tabela 4) se difere. Enquanto os alunos da escola pública noturna consideram que o estudo do inglês lhes serve principalmente para a comunicação (39%) e o mercado de trabalho (33,5%), os alunos da escola particular matutina consideram a cultura (35%) e a ampliação do currículo (25%).

Tabela 4: Para que serve o estudo do inglês x Tipo escola

PARA QUE SERVE ESTUDAR INGLÊS \ TIPO ESCOLA	PÚBLICA NOTURNA	%	PARTICULAR MATUTINA	%	% DO TOTAL DE ALUNOS
SEM RESPOSTA	5	7%	1	2,5%	10,1%
PARA NADA	1	1,5%	1	2,5%	1,8%
COMUNICAÇÃO	27	39%	6	15%	30,3%
GANHAR DINHEIRO			2	5%	1,8%
GLOBALIZAÇÃO			1	2,5%	0,9%
CULTURA	9	13%	14	35%	21,1%
MERCADO DE TRABALHO	24	33,5%	3	7,5%	24,8%
AUMENTAR CURRÍCULO	2	3%	10	25%	11,0%
STATUS	1	1,5%			0,9%
INTERCÂMBIO CULTURAL	1	1,5%	1	2,5%	1,8%
TECNOLOGIA			1	2,5%	0,9%
TOTAL	69	100%	40	100%	100%

Com base nos dados da tabela 5 constatamos que, quando se fala em estudo de uma segunda língua, 75,3% dos alunos da escola pública e 85% dos alunos da escola particular optam pela língua inglesa. Em segundo lugar na preferência vem a língua espanhola, onde a porcentagem dos alunos da escola pública é de 10,1% e os da escola particular 7,5%.

Como previsto o inglês é o idioma mais cotado e de maior relevância entre os alunos da escola particular e da escola pública ocupando primeiro lugar na pesquisa com 78,9% do total de alunos pesquisados e o espanhol em segundo lugar, com 9,2% dos alunos pesquisados.

Tabela 5: Quando se fala em uma 2ª língua, qual vem a sua mente x Tipo escola

2ª LÍNGUA \ TIPO ESCOLA	PÚBLICA NOTURNA	%	PARTICULAR MATUTINA	%	% DO TOTAL DE ALUNOS
INGLÊS	52	75,3%	34	85%	78,9%
ESPAÑHOL	7	10,1%	3	7,5%	9,2%
ITALIANO	1	1,5%			0,9%
PORTUGUÊS	2	3,0%	1	2,5%	2,8%
TODAS	2	3,0%	1	2,5%	2,8%
VÁRIAS	1	1,5%	1	2,5%	1,8%
SEM RESPOSTA	4	5,6%			3,7%
TOTAL	69	100%	40	100%	100%

4. CONCLUSÃO

Analisando as respostas dos alunos de ambas as escolas, concluímos que o estudo de uma segunda língua é reconhecido como essencial por todos os alunos investigados.

Os alunos da escola pública noturna, em sua maioria alunos de classes desfavorecidas, vêm na aquisição de uma 2ª língua um ganho para uma mudança de suas vidas. Outros dados que levantamos indicam que no caso desses alunos pertencentes a rede pública de ensino, o nível de escolaridade de seus pais é baixo, a maioria tem somente até cinco anos de estudo. O que é importante ressaltar que mesmo com a “falta de bagagem cultural” de tais alunos, com carga horária reduzida, falta de livros didáticos, indisponibilidade de impressoras e de máquinas de xérox e etc; com a má formação de professores de língua estrangeira, o aprendizado de uma segunda língua para eles é fundamental.

Com base nos resultados apresentados, constatamos que a importância atribuída a aquisição de uma segunda língua, no caso o inglês, independe da idade, da renda e da bagagem cultural trazida pelos alunos. E mais, independe da proposta pedagógica da escola, visto que, como destacado na metodologia, a escola particular pesquisada se propõe a lecionar inglês para uso apenas no exame vestibular, enquanto a escola pública pesquisada se propõe a orientar e apoiar o aluno para desenvolver competência lingüística em inglês e assim ampliar o acesso ao conhecimento técnico-científico de diferentes povos; capacitar o aluno a entender, ler, falar e escrever utilizando a língua inglesa. O fato dos alunos acharem importante o estudo de uma segunda língua deve-se à globalização, o que exige um bom domínio lingüístico para a execução de trabalhos importantes no mercado atual. Assim, podemos concluir que aprender inglês não é considerado um luxo pelos alunos, muito pelo contrário, em grande maioria, o corpo estudantil considera o aprendizado do Inglês como um investimento necessário para o futuro processo de desenvolvimento profissional. No entanto, financeiramente, poucos podem acessar cursos da língua.

1. BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

2. BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia. O que falar quer dizer*. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983.

3. CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual, 1999.

4. Educação e sociedade: *sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições*. Ano XXIII, nº 78, Abril, 2002.

5. Folha de São Paulo, 25/11/2005.

6. Revista Entre Livros, nº 4. São Paulo: Duetto, 2005.

7. Revista Nova Escola, edição especial. nº 10. São Paulo: Abril, 2006.

8. RUÉ, Joan. *Educação em pauta: O que ensinar e por quê*. São Paulo: Moderna, 2003.

9. STREY, Marlene Neves; et alli. *Psicologia social contemporânea*. Petropolis: Vozes, 1998.

10. Site: www.kke.org.br/pt/palestras/o_ensino_de_linguas_estrangeiras_nas_escolas.php